



# O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## ORGANIZEMOS A LUTA CONTRA A FOME E A MISÉRIA

A luta das classes trabalhadoras pelas suas reivindicações e na defesa dos seus direitos, sempre foi e é justa.

Quando a burguesia reacção impõe pela força um regime político, o qual rouba aos trabalhadores os seus mais elementares direitos, considera a greve como um crime e reprime pela violência qualquer acção dos trabalhadores na defesa das suas reivindicações, ela, burguesia, têm em vista, por intermédio desse regime, defender os seus interesses, manter os seus privilégios e criar outros, e explorar e escravizar ao máximo os que trabalham, com o objectivo de elevar cada vez mais os seus lucros.

O resultado desta situação têm-na sentido profunda e gravemente, na carne, os trabalhadores portugueses, ao longo dos 35 anos da ditadura fascista, na nossa pátria.

Nós, têxteis, estamos interessados, como os restantes trabalhadores, que este regime de fome e opressão desapareça. Mas os salazaristas não se vão embora nem os patrões deixam de nos explorar só porque o desejamos. É preciso transformar esse desejo em acção para os expulsar do poder e colocar em seu lugar um governo que respeite a vontade da nação, os direitos dos trabalhadores, a sua livre organização, e a formação de sindicatos representativos dos seus interesses. É isto só é possível pela luta, uma luta firme, abnegada, persistente e com sacrifício.

Nós somos milhares e representamos, unidos e firmes, uma força indomável. Somos nós que fazemos trabalhar as máquinas. Igualmente somos nós que as podemos fazer parar. É fundamental que nos decidamos a lutar pelas nossas reivindicações essenciais.

Os salários que nos pagam não

compensam o nível técnico do nosso trabalho e não nos permitem sequer uma vida simples e modesta. Isto é agravado ainda com as constantes multas, que nos reduzem os salários e aumentam os lucros do patronato. Todos os dias vivemos sob a preocupação dominante de sermos despedidos. Basta um capricho do patrão ou dum encarregado

(continua na pag. 4.)

## CONTRA A GUERRA COLONIAL PELA FRENTE UNIDA DOS POVOS DE PORTUGA E DAS COLÓNIAS

Os trabalhadores portugueses não possuem em África nem terras, nem fábricas, nem minas, nem navios. Esses territórios não nos pertencem. Foram violentamente ocupados e submetidos ao saque da exploração capitalista, que pesa terrivelmente sobre os povos africanos.

Em quinhentos anos de «civilização», os colonialistas negociaram em escravos, exploraram as riquezas desses territórios e as populações que os habitam, obtendo lucros sem conto. Impuseram a miséria, a fome, o terror, a prostituição e o obscurantismo aos povos coloniais.

Os mais vis opressores das populações africanas não se dispõem a conceder pacificamente a estas o direito à Independência, que é hoje a sua aspiração mais sentida. Fazem por isso a guerra. Mas não a fazem eles, não! Seus filhos ficam na retaguarda ou dão baixa ao hospital. Enviaem milhares de filhos do povo, para que morram por uma causa a que são estranhos, que não é a causa do povo.

A causa dos trabalhadores é a

## GARANTAMOS O DIREITO AOS SEIS DIAS DE TRABALHO

Começa a tornar-se evidente para todos nós que uma nova e mais tremenda crise se aproxima, resultante da guerra em Angola e na Guiné e da sua extensão possível a outras colónias. Várias empresas têxteis despediram operários e encontram-se em laboração reduzida. A guerra colonial que os salazaristas conduzem dificulta o abastecimento do algodão e esta situação tem tendência para se agravar. O mercado das colónias vai-se fechando cada vez mais na medida em que a guerra continuar e o governo de Salazar se obstinar em não conceder a independência aos povos coloniais.

Esta situação, que ameaça trazer as mais graves consequências à nossa classe, é acrescentada pelos resultados da política fascista de protecção aos grandes industriais e capitalistas, da integração de Portugal na Zona de Livre Troca e sua possível participação no Mercado Comum.

causa da Paz e da Democracia. É a causa do Socialismo, da igualdade dos povos, do progresso das nações.

Os povos africanos, tal como os trabalhadores portugueses, querem pôr fim à exploração capitalista, querem edificar um regime democrático, escolher livremente o seu governo e os seus representantes, realizar uma reforma agrária, varrer a intervenção e a exploração das potências imperialistas. Os povos africanos combatem o mesmo inimigo que nos explora e oprime.

Não podemos consentir que a nossa juventude se sacrifique, que verta o seu sangue e o faça verter numa guerra criminoso contra povos que aspiram, como nós à justiça social, à Liberdade e à Democracia.

Fortaleçamos a luta contra o inimigo comum. Desenvolvamos acções de massas, manifestações de protesto, paralizações de trabalho, para pôr fim à guerra colonial em Angola e na Guiné, para que seja concedido aos povos africanos, sob o jugo salazarista, o direito à auto-determinação e à independência.

(continua na pg. 2)

## UMA EXPOSIÇÃO DOS TÊXTEIS CONTRA OS 25 POR CENTO

No ano de 1960 foram gastos 379.250 contos das C. de Providência, para financiar os empreendimentos capitalistas do 2º Plano de Fomento.

Enquanto o governo de Salazar continua a financiar as grandes companhias com o dinheiro das Caixas de Providência força-nos, a nós, que ganhamos salários de 22\$00, 23\$00 e 27\$00, a pagar 25 por cento do preço dos medicamentos, que antes nos eram concedidos gratuitamente ou melhor a troco do desconto dos 5 por cento que con-

tinuamos a fazer para as Caixas. Várias acções da classe têxtil têm sido empreendidas contra os 25 por cento e entre elas a dos nossos companheiros da Covilhã e Tortoizeludo.

Recentemente os operários têxteis do Porto tomaram posição, também, contra os 25 por cento. Mais de 400 trabalhadores subscreveram uma exposição ao Ministro das Corporações, requerendo a anulação deste desconto, que representa uma das formas de obtenção de fundos para utilização dos planos de financiamento capitalista.

A exposição dos nossos companheiros do Porto exprime os sentimentos da classe têxtil. A luta contra os 25 por cento deve continuar. É uma tarefa dos têxteis, que se impõe cada vez mais, para que os dinheiros das Caixas de Providência sejam aplicados na defesa da saúde e da vida dos trabalhadores.

## pela frente unida DOS POVOS

(continuação da pg. 1)

Desenvolvamos as lutas reivindicativas dos trabalhadores têxteis pela defesa dos seus interesses, pela realização de eleições, pela conquista das liberdades democráticas, contra o desemprego, os novos impostos, os ritmos infernais de produção, a carestia da vida e a falta de generosidade. A luta constante e activa, alargando-se a novas empresas e centros industriais, é o caminho justo para o levantamento nacional, para a luta vitoriosa contra o fascismo salazarista, para a conquista da Democracia e da PAZ.

Viva a frente unida dos povos de Portugal e das colónias!

Viva a Independência dos povos coloniais!

Abaixo a guerra colonial e o fascismo!

## Garantamos o direito aos seis dias

(continuação da pag. 1)

O nível de vida do povo português contribui também para o agravamento da crise, que começa a fazer-se sentir.

O desemprego, a fome, uma miséria mais acrescida, dificuldades de todo o género ameaçam a nossa classe. O patronato quer descarregar o peso da crise sobre os ombros dos trabalhadores, reduzindo os dias de trabalho, encerrando empresas, exigindo aos operários em actividade um esforço duplicado que mantenha a produção ao nível que lhe couvenha.

É o nosso direito ao pão que está em jogo. A luta pelos seis dias de trabalho impõe-se, hoje, como tarefa essencial. O desemprego tem tendência para se agravar e não podemos cruzar os braços, aceitando uma situação que nos é imposta pela exploração capitalista e o governo de Salazar.

Exijamos através de concentrações, junto dos patrões, no sindicato e no INT, o direito aos seis dias de trabalho.

É uma acção que se impõe desde já.

## Bravo! Operárias DA FÁBRICA AVENIDA

Apesar da ordem para que se inscrevessem numa lista para trabalhar no dia 10 de junho e darem assim uma jornada de trabalho para a guerra de Angola, a lista afixada ficou em branco! E mesmo quando foi sugerido que em vez de trabalharem dessem alguma coisa, sobre a nova lista afixada só 60 das 350 pessoas que ali trabalham se inscreveram.

A firmeza destas companheiras é sinal de que elas podem obter novos sucessos, principalmente na luta contra a ideia dos patrões de as porem a trabalhar de empreitada a menos de 1\$00 o metro. Vós tendes todas as condições para impor que a empreitada seja paga a 1\$00 como é vosso desejo e justo, se o patrão quiser modificar o actual sistema de trabalho.

Unidas e com a vossa combatividade, VENCEREIS!

## OS TÊXTEIS DE SANTO TIRSO não trabalharam no dia 10 de junho

As reacções da classe operária contra as autoridades salazaristas, que querem que esta pague a guerra de Angola, tornam-se dia a dia mais evidentes. A 10 de junho os trabalhadores têxteis marcaram uma atitude de firmeza, recusando-se a trabalhar.

Em SANTO TIRSO os nossos companheiros souberam definir essa mesma atitude de hostilidade e de repúdio contra a política fascista em Angola e noutras colónias. Nesta localidade os 6.000 trabalhadores têxteis não quiseram conceder um dia de salário para a guerra de Angola.

Os fascistas empedernidos não aprendem com estas atitudes dos trabalhadores portugueses. Mas a classe têxtil aprende a forjar na luta contra a exploração e a guerra as armas com que há de libertar-se. Bravo, companheiros de Santo Tirso. Vós cumpristes o vosso dever. O jornal «O Têxtil» vos saúda.

## RUBRICAS PARA «O TÊXTEL»

Arso.....	1\$50
Homem dos presentes ...	1\$00
Nova amiga de «O Têxtil» ..	32\$50
» » » .....	40\$00
Novas amigas têxteis .....	69\$00
Têxteis unidos .....	5\$50
Tintureiro democrático ...	2\$50
1 grupo de traba. liberais ..	57\$50
TOTAL .....	209\$50

NAS PAREDES, NASESTRADAS,  
POR TODA A PARTE ESCRIVAMOS «PAZ EM ANGOLA!»  
LIBERDADE PARA OS POVOS  
COLONIAIS,  
ABAIXO O FASCISMO.

## Armas de luta da classe têxtil A UNIDADE DOS TRABALHADORES

Seja qual for a nossa crença ou convicção política todos nós somos vítimas da exploração patronal. Todos nós recebemos salários insuficientes, estamos sujeitos ao desemprego e à miséria. Todos nós pagamos multas e sofremos castigos. Face à exploração e à falta de direitos formamos um todo, composto por centenas de milhar de homens e de mulheres.

A experiência indica-nos que se numa empresa, numa localidade, numa região, os trabalhadores se unem e firmemente reivindicam objectivos sérios e justos, esses objectivos são satisfeitos, ou cedo ou tarde o serão. Abrimos para isso o caminho.

Quando os trabalhadores se encontram desunidos e cada um deles pensa separadamente resolver a sua situação, não só o patronato despreza a causa que defendemos como nenhum sucesso colectivo conseguimos alcançar. Valem-nos muito quando nos juntamos. Nada valem-se lutamos separados.

Quando em face das injustiças e dos abusos do patronato, quando

### ALZAMENTO DE SALÁRIOS E NOVOS RITMOS

O patrão da FÁBRICA DAS LINHAS, em Coimbra, foi forçado a aumentar o salário do pessoal, que passou a ganhar 21\$00, em vez de 17\$50.

Logo que teve de nos pagar mais uns escassos escudos resolveu a questão à sua maneira: fazer aumentar a produção, obrigando-nos a aumentar o rendimento. É a nossa custa que este explorador quer encontrar a forma de nos pagar o aumento.

Até agora a classe tem resistido às imposições do patrão, mas é necessário que essa resistência continue. Não intensifiquemos os ritmos de produção. Recusemo-nos a pôr em prática as suas imposições.

### CRIEMOS COMISSÕES DE UNIDADE

Nesta fase de crise e de guerra colonial organizemos novas e poderosas acções de massas. Criemos comissões de Unidade, em cada empresa compostas pelos homens e mulheres mais combativos e honestos da nossa classe, para que orientem e representem a classe nos duros combates que temos de travar. Criemos comissões de Unidade que unifiquem a acção dos trabalhadores em cada empresa, em cada localidade, em cada região industrial, à escala do país. As comissões de Unidade são armas de luta da classe trabalhadora que a experiência da classe têxtil comprova.

frente à exploração capitalista constituímos um bloco unido, os nossos exploradores não só não tomam facilmente contra cada um de nós medidas abusivas; como são forçados a atender as nossas reivindicações e a escutar os nossos pedidos. Assim o provam as lutas, ao longo de anos da classe têxtil. A Unidade e a força combativa dos trabalhadores são duas armas que asseguram aos trabalhadores vitórias indiscutíveis na sua luta por aumento de salários, contra a exploração e as medidas do governo.

Hoje, que a guerra de Angola e a política salazarista agravam as nossas condições de vida, a Unidade da classe têxtil é mais do que nunca necessária. Em cada dia, temos de travar novas lutas, em cada empresa, em cada localidade, em cada região, no país inteiro, se queremos construir um mundo melhor.

### UM CASTIGO MERECIDO a um explorador

O engenheiro que entrou, não há muito, para a FÁBRICA DE FIAÇÃO DA VÁRZEA, em COIMBRA, é dos que marcam pela sua fidelidade ao patrão. Ele veio intensificar o regime de castigos, de multas, de perseguição ao pessoal.

Este senhor engenheiro veio da FÁBRICA DA PEDRULHA, onde se distinguiu como carrasco das operárias, castigando a torto e a direito. Mas aí não foi bem sucedido. As nossas companheiras juntaram-se e pregaram-lhe uma sova. Este merecido castigo não lhe serviu de lição.

Na FÁBRICA DA VÁRZEA temos de iniciar a luta contra os castigos e as perseguições. Unamo-nos e protestemos, firmemente, junto do patrão, do INT, do sindicato, para que cessem as multas e os castigos, para que nenhuma operária seja castigada.

## FORMAS DE EXPLORAÇÃO NAS EMPRESAS DO PORTO

S. P. ALGODÃO (BARREIROS LEÇA) - UM operário que deixou cair óleo no trabalho teve que pagar 60\$00 de multa e como reclamasse o pano foi despedido sem que o patrão lhe pagasse os 15 dias de direito. O caso foi falado e finalmente os fiscais vieram à empresa. As falcaturas começaram logo a aparecer: mulheres ganhando como aprendizes em trabalhos de responsabilidade e a quem o patrão foi obrigado a pagar 400, 500 e 980\$00; 6 dias de férias por casamento em lugar de 8, e o patrão foi obrigado a dar os 2 dias que roubara às operárias que se casaram de há 2 anos para cá.

Vendo que tudo se descobria o patrão foi pagar os 15 dias ao operário despedido, mas por raiva despediu a mulher que vive com o pai daquele operário, assim como um

filho dela e até uma aprendiz que fora empregada por intermédio dum destas pessoas.

CALANDRA DA VITÓRIA - Por 4 folhas de papel de embrulho cedidas por 1 operário a outro, estes 2 homens foram despedidos por roubo! Apesar de terem 5 e 15 anos de casa, foram mesmo obrigados a assinar um papel como tendo roubado. Ficaram assim impossibilitados de qualquer acção junto do Sindicato.

Para receber uma salva de prata paga pelos operários a pedido do seu filho, o patrão foi bem mais amável!

CALANDRA DO BONFIM - Continuam os castigos por tudo e por nada. Ainda há pouco 1 operário foi suspenso 3 dias por ter rasgado a ponta de uma peça de tecido sem culpa nenhuma.

BARBOT - Também aqui a exploração se agrava. As instalações são más, as teias são transportadas pelos operários, os teares andam sempre mal afinados. Como se isso não bastasse, o afinador e encarregado da secção de tecelagem, António, é mau como afinador e como encarregado, insulta toda a gente, traz a corte às mulheres e só trata em condições os teares daquelas que lhe dão conversa.

## A AUTOMATIZAÇÃO CAPITALISTA gera o desemprego e a exploração

Jogando com o estribilho de que o maquinismo automático barateia a produção e torna possível a concorrência nos mercados externos, tem-nos sido imposto um número de teares automáticos ou mecânicos, de longe superior às nossas possibilidades. Mas o que se verifica? O produto fabricado não tem descido e o que toca ao mercado estrangeiro a pouca exportação efectuada deve-se antes de tudo aos salários de miséria que continuam a vigorar, e centenas de operários cairam no desemprego. Exemplo frizante é entre muitos o da empresa do Conde de Vizela (Negrelos), onde se passou de cerca de 4 mil operários para pouco mais de metade após a modernização.

O patronato e o Governo procuram fechar-nos os olhos, mas a realidade é que nas empresas automatizadas os salários se mantêm praticamente os mesmos enquanto que nas empresas mecanizadas os patrões, jogando com a ameaça de desemprego, tentam forçar-nos a trabalhar com um número de máquinas cada vez maior, que nos leva à ruína da saúde e ao aumento das multas. Não é por acaso que no recente C. C. T. da têxtil de laúfícios, deixou de vigorar, contra a vontade da classe, a cláusula que proibia que os tecelões trabalhassem com mais de 1 tear. O Governo e os patrões preparam assim o terreno para a automatização ou a laboração com um número infinito de máquinas

mecânicas.

A automatização é o progresso; ela foi inventada pelo homem para servir o homem. Mas nas mãos do capitalismo ela é aplicada para servir exclusivamente os capitalistas. Para nós operários a automatização tem levado em linha recta ao desemprego, aumento da exploração e das multas, o que não sucede em regime socialista.

Desde o início desta técnica, no Minho, no Porto, na Serra da Estrela e no Sul, os têxteis se têm levantado contra a automatização. Onde a acção tem sido unida e persistente, os têxteis têm impedido os fins dos patrões. Se nos unirmos e lutarmos alcançaremos novas vitórias.

## Contra o aumento da cotização NO SINDICATO DO PORTO

Recentemente a direcção do sindicato do Porto resolveu aumentar a cotização de 1800 para 2550. Este aumento de 60 por cento representa uma diminuição dos já míseros salários dos trabalhadores e uma elevação das receitas do sindicato, para mais de vinte cinco contos por mês.

É espantoso que, sem qualquer explicação, se pretenda fazer tal imposição a milhares de trabalhadores, sem os ouvir.

São evidentes, porém, as razões porque os indivíduos da direcção não estão interessados em ouvir a

## CONTRA OS NOVOS IMPOSTOS PARA A GUERRA COLONIAL

Vinte e seis mil contos consome diariamente o governo fascista de Salazar com a guerra de Angola. Perto de 4 milhões de contos em cinco meses de guerra sangrenta. Centenas de milhar de contos consome o governo com a guerra colonial. Há dois meses uma verba especial de 500 mil contos foi aplicada na compra de armamento. Há menos tempo, lançou um empréstimo de 1 milhão de contos. Foram lançados impostos sobre artigos de consumo. Novos e pesados impostos cairão sobre os nossos ombros se os trabalhadores não se lançarem em novas e poderosas lutas contra a guerra colonial, contra o governo fascista de Salazar.

ela-se. Desde 1955, SEIS ANOS 1 ORTANTO, que não são apresentadas, nem apreciadas e discutidas pela classe, as contas do sindicato. Em princípios de 1960, deviam realizar-se eleições para novos corpos gerentes, que não se efectivaram. A esta arbitrariedade e ilegalidade estão intimamente ligados o M. das Corporações e o delegado do INT no Porto.

Que se passa com o sindicato do Porto e com os seus dinheiros? Em que são gastas as receitas do sindicato? Isto é bem o espelho da situação política vigente.

Mas companheiros, o justo descontentamento de que estais possuídos perante tanta indignidade não é só por si suficiente para por cobro a tanta vilania. Não consentais que vos tirem dos salários um único tostão que seja, para o aumento da cotização.

Formai Comissões em todas as fábricas, que apoiadas por todos os companheiros se dirijam ao sindicato e exijam a discussão das contas e eleições de novos dirigentes. Exigi do delegado do INT a realização das vossas reivindicações.

Companheiros, sois uma força se vos unirdes e passardes à acção. A justiça, a moral, a dignidade e a honradez estão do vosso lado. Contra a vossa unidade não há força que impeça a apresentação das contas do sindicato e a eleição de homens honrados, indicados por vós.

## ORGANIZEMOS A LUTA CONTRA A FOME E A MISÉRIA

(continuação da pg. 1.)

para ficarmos sem trabalho.

A miséria que reina nos nossos lares é demasiado conflagradora. Já é tempo, companheiros, de lutarmos decididamente contra os que nos impõem a fome e a exploração. Organizemos para isso a nossa luta. A experiência do passado diz-nos que através das Comissões de Unidade conseguimos unir a classe, fazer ouvir as nossas justas reclamações junto do patronato, das autoridades e dos sindicatos e obtivemos importantes vitórias.

Discutamos em todas as fábricas os nossos problemas e com os olhos postos numa vida mais feliz, para nós e para os nossos familiares, organizemos a nossa luta pela

sua conquista e contra os que desde há muito nos têm imposto uma vida de miséria e de fome.

A presente situação impõe-nos que intensifiquemos a nossa luta, que a alarguemos, não apenas a uma empresa, mas a uma região e à escala do país. Só o desencadeamento de amplas lutas de massas nos permitirá melhorar as nossas condições de vida e construir um futuro de paz e de bem estar para os trabalhadores.

Hoje, mais do que nunca a nossa Unidade e espírito combativo são necessários para nos lançarmos em lutas decisivas contra os responsáveis da situação em que vivemos.

Marchemos avante, com coragem.